

# A Evolução de Construtos Sociais: Uma proposta de reconceitualização da sociobiologia para a compreensão de redes sociais interdependentes como “organismos” em evolução usando *A Sociedade de Corte*, de Norbert Elias

Anthony Nairn, *University of Toronto*  
Tradução de Daniel Barreiros

## Resumo

A aplicação, por sociólogos, do conceito de evolução por seleção natural tem encontrado forte resistência desde Herbert Spencer (1820-1903), marcada por noções obscuras de poder e de autoridade associadas a uma aplicação acrítica e entusiástica da seleção natural a noções elegantes de raça e privilégio. *Sociobiology* (1975) de E. O. Wilson (1929-) tentou reacender as possibilidades do discurso evolucionário empregando a genética moderna na compreensão dos sistemas sociais, mas foi obstado pelo legado das questões de raça e por noções liberais de “determinismo genético”. Neste texto, o arcabouço sociobiológico é reimaginado através de sua extensão, partindo de mecanismos comportamentais e genéticos individuais para a figuração social de redes de atores em larga escala. Empregando as ferramentas conceituais e a análise histórica de Norbert Elias em *The Court Society* (1983), detalhando a corte de Luís XIV e a interdependência entre seus membros, sugerirei que essas redes de interdependência compostas por atores individuais são facilitadas e constrangidas pelo processo de seleção natural, de modo que podem ser analisadas neste sentido. O emaranhamento de

dependências criadas pelos atores nessa rede produz pontos de “aglomeração” que identificam a forma das redes e sua função como “organismo social”. O que se ganha em compreender a fluidez orgânica das redes sociais, o modo pelo qual são formadas, moldadas, desenvolvidas, e a maneira pela qual conflitam com figurações sociais concorrentes, pode prover uma forma nova e naturalmente derivada de interpretar as redes de atores sociais interdependentes, e oferecer uma maior profundidade na conceitualização das relações sociais humanas. Por fim, uma visão da história e da sociologia como essa pode se alinhar aos princípios da Grande História através da compreensão do sujeito humano como atrelado aos mesmos processos de desenvolvimento que se impõem a todas as formas de matéria no Universo pelos últimos 13,8 bilhões de anos.

## Palavras-chave

Evolução; Sociobiologia; Sociologia; História; Rei Luís; França; Revolução Francesa; Norbert Elias; Sociedade de Corte; Redes Sociais; Interdependência; Seleção Natural.

Correspondence | Anthony Nairn, [anthony\\_nairn@hotmail.com](mailto:anthony_nairn@hotmail.com)

Citation | Nairn, A. (2018) A Evolução de Construtos Sociais:

Uma proposta de reconceitualização da sociobiologia para a compreensão de redes sociais interdependentes como “organismos” em evolução usando *A Sociedade de Corte*, de Norbert Elias. *Journal of Big History*, III(1); 77 - 93. DOI | <http://dx.doi.org/10.22339/jbh.v3i1.3145>

## Introdução

O cientista social, especificamente o sociólogo, tem um papel peculiar a representar no mundo acadêmico contemporâneo. Atrelado à gênese de uma disciplina e de suas tradições, o sociólogo continuamente orbita ao redor da noção de estudos

científicos, objetivos e empiricamente embasados. Isso é facilmente observável, uma vez que muitos artigos sociológicos contemporâneos são elaborados de maneira similar à da pesquisa nas ciências duras, citando modelos de regressão, pontuações médias, e uma miríade de outras ferramentas analíticas

adotadas e adaptadas para propósitos sociológicos. Esses métodos, e o contínuo desenvolvimento de uma pesquisa social cientificamente embasada, são encontrados na obra de pensadores como Auguste Comte (1798-1857) e Émile Durkheim (1858-1917), que clamavam pelo estudo do social através das ferramentas dos filósofos naturais com vista a uma melhor compreensão e, desejavelmente, a uma melhor modelagem da experiência humana.

Desde Comte e Durkheim, trabalhos com profundo impacto têm surgido, e esse impacto se deve não só ao desenvolvimento do pensamento social crítico e ao fato de lançarem luz sobre a condição humana (para melhor compreendê-la), mas também pelas consequências globais de algumas dessas obras. Karl Marx (1818-1883), Max Weber (1864-1920), e Thomas Kuhn (1922-1996), por exemplo, remoldaram o entendimento humano a respeito das classes sociais, do poder, e do avanço científico por meio de um arcabouço de fundo sociológico, fundamentalmente transformando a maneira pela qual a academia e o pensamento popular levam em conta esses assuntos. Marx exemplifica como as ciências sociais têm remoldado coletivos humanos em novas formas sociais e políticas. A disciplina da Sociologia, desse modo, têm tido poderoso impacto global, e a possibilidade de efeitos futuros é quase certa, uma vez que oportunidades e conflitos sociais correntemente incompreensíveis ainda estão por emergir. O fato de a sociologia ter sua gênese nas ciências naturais resultou em uma relação íntima, ainda que contida. Exemplos de desdobramentos negativos de empreendimentos sociológicos são ubíquos no contínuo histórico, mas nenhum deles foi mais destrutivo que a aplicação de um princípio das ciências naturais à condição humana, especialmente no que concerne à publicação por Charles Darwin<sup>1</sup> (1809-1882) de *A Origem das Espécies por meio da Seleção Natural, ou a sobrevivência das raças favorecidas na luta pela vida* (1859). As consequências desse livro foram ainda mais modificadas em 1864, quando Herbert Spencer (1820-1903) publicou o seu *Principles of Biology*,

um texto de grande influência que inclui a agora famosa (ou infame) frase, “sobrevivência do mais apto” – uma interpretação da obra de Darwin que se tornou profundamente arraigada na mentalidade popular acerca da seleção natural. A obra de Darwin, seguida pela de Spencer, metaforicamente representa o primeiro fio naquilo que se tornaria uma complexa teia que continuou a ser tecida muito após a publicação de *A Origem das Espécies*, enredando leigos e especialistas indistintamente. O darwinismo social emergiu no esteio de uma então recente popularidade e perceptividade que a seleção natural oferecia. Isso reformulou radicalmente, por exemplo, a percepção das classes sociais, da raça, e das possibilidades da perfectibilidade humana. No século XX, com os avanços da ciência e da tecnologia, e com o impacto psicológico da Primeira Grande Guerra, não seriam a bala ou a bomba a terem o efeito mais profundo no mundo na grande guerra seguinte, mas sim, os programas de eugenia. As consequências da adoção, pela sociologia, dos princípios da seleção natural nunca seria esquecida, e até hoje persiste uma complicada resistência contra as ciências sociais empregando processos evolucionários (Barkow, 2006). A sociologia evolucionária se tornou, desde então, um tabu para acadêmicos e suas instituições, sendo a sociobiologia, por exemplo, um esforço acadêmico marginalizado, alvo de ceticismo e de pesadas críticas. Isso resulta de uma combinação de fatores, incluindo a memória coletiva viva da era da eugenia e a tradição de estudar o social pelo social (Barkow, 2006). Acadêmicos como E. O. Wilson<sup>2</sup> e Jerome Barkow, bem como Carl Sagan e Richard Dawkins, têm advogado em prol das ciências sociais evolucionárias, defendendo suas potencialidades. Meu desejo aqui, então, é o de propor a reintrodução do pensamento evolucionário na sociologia, mas que venha a evitar alegações de determinismo através de fundar-se em uma “ciência” histórica. Acredito que isso seja necessário e que já passe da hora de fazê-lo, dadas as íntimas relações que muito do mundo natural têm revelado por meio dos métodos da ciência, e como

proeminente objetivo da Grande História. Mas, mais do que isso, porque se torna logicamente incoerente sustentar que seres humanos, produtos da seleção natural, não externalizariam, por meio de suas criações, produtos vinculados a sistemas de desenvolvimento naturalmente influenciados. A primeira coisa que farei será prover uma introdução elementar à evolução através da noção de seleção natural de Darwin, seguida por uma introdução à ciência social evolucionária (sociobiologia) utilizando a conceitualização de Jerome Barkow de modo a prover as definições básicas e ferramentas conceituais necessárias para reconfigurar esse conhecimento para um estudo de caso empregando a obra de Nibert Elias (1897-1990), *The Court Society* (2006). O trabalho de Elias provê uma análise detalhada da corte real de Luís XIV (1638-1715) da França durante o século XVII. Nele, Elias oferece uma narrativa rica e detalhada da rede de inter-relacionamentos (figuração) que demonstra a evolução da sociedade de corte pela modelagem, usando metodologias sócio-históricas, da complexa teia que existiu. Empregando *The Court Society* de Elias, mostrarei como uma estrutura social particular e seus atores, especificamente a corte real de Luís XIV, produz sua rede própria e distintamente identificável, cuja manutenção é ativamente resguardada por todos os seus membros, de modo que vem a se constituir como um “organismo” social específico. Isso mostrará que os processos de evolução social não podem ser entendidos através de momentos ou indivíduos específicos, em consonância com o que a Grande História sugere. Essa insensatez conduz ao erro em compreender as complexidades interdependentes das relações sociais e do ambiente a que pertencem. Ao adotar esse arcabouço social sugerido pela Grande História, e ao testá-lo à luz da produção historiográfica, as complexas teias das relações humanas no espaço-tempo<sup>3</sup> podem ser finalmente entendidas de maneira similar às leis da natureza já estabelecidas pelas ciências naturais, permitindo uma mais profunda e mais holística visão da dinâmica temporal dos padrões sociais. Em suma, empregando as ferramentas de uma

ciência social evolucionária, agregando e atualizando arcabouço e evidências apresentadas por Elias, será mostrado que adotar princípios evolucionários nos estudos sociológicos abre a possibilidade de que a evolução social seja um verdadeiro caminho de estudo, um prospecto que pode enriquecer a pesquisa ao mais profundamente reconhecer a complexidade em nossa existência social inter-relacionada e naturalmente vinculada.

### **Evolução por Seleção Natural**

Nesse artigo, discutirei a seleção natural com apenas um pequeno toque de genética, uma vez que é dessa maneira que se relaciona diretamente ao tipo de investigação que esse projeto sócio-histórico permite. Enquanto os prospectos de implementar uma síntese moderna nesse trabalho podem ser tentadores, concentrarei minha atenção em aplicar o básico daquilo que Darwin descobriu e sugeriu (os genes) às estruturas sociais da história. Sendo a pesquisa histórica uma construção intelectual feita no presente e não no passado, estarão presentes erros oriundos da desinformação e da subjetividade humana. A precisão a que remete a ciência evolucionária biológica contemporânea somente adicionaria complexidade desnecessária ao meu propósito de prover um exemplo introdutório de evolução social. Peço que o leitor considere esse texto como uma pequena contribuição ao entendimento da história através de um arcabouço sociológico específico, e encorajo-o a refinar e expandir meus resultados. Para nosso propósito, essa introdução se concentrará em três conceitos chave: tempo, variação e ambiente. O tempo, seu significado e amplitude, passaram por mudanças radicais durante o século XIX, sendo influenciado por campos como o da paleontologia e da arqueologia, por descobertas de fósseis de dinossauros e antigas civilizações perdidas (Stewart, 2011). Dadas as recentes evidências fósseis e arqueológicas, torna-se crescentemente claro que espécies a muito extintas apresentam marcantes similaridades com espécies estantes que povoam a

Terra. Os aspectos mecânicos e físicos de fósseis botânicos, e de espécies aquáticas e terrestres, compartilham de similaridades impactantes com aspectos análogos em espécies contemporâneas, o que levou Darwin e Wallace a concluir que as espécies estantes estariam necessariamente relacionadas àquelas antigas; similaridades centrais estariam mascaradas por óbvias diferenças, como resultado do tempo.

As variações eram, e ainda o são, muito popularizadas pela referência, feita por Darwin, aos tentilhões das Ilhas Galápagos. Tentilhões em várias ilhas do arquipélago de Galápagos possuem pequenas variações, comumente identificadas a partir de seus bicos. Algumas são substanciais enquanto outras são menos sensíveis. Ainda que estruturalmente se tratem do mesmo pássaro, as formas do bico, juntamente com variações em cor e tamanho, estão consistentemente isoladas em cada ilha, sendo esse um achado também verificado em outras espécies (Darwin, 1959). Darwin concluiu que a única maneira pela qual essa dispersão de padrão de variação podia ocorrer seria através de uma herança legada através de gerações no tempo (Darwin, 1959) <sup>4</sup>. O processo de hereditariedade estabelece que traços específicos dos genitores sejam transferidos à sua prole. Desse modo, as variações entre os tentilhões observados por Darwin em cada ilha eram traços levados adiante por meio do processo de reprodução (Darwin, 2003). Por que os tentilhões variariam de ilha para ilha? Por que se tornariam pássaros aparentemente diferentes? Darwin, e Wallace em seus próprios estudos, encontraram inspiração em um escrito de Thomas Malthus (1766-1834) chamado *Um Ensaio sobre o Princípio da População* (1797). Esse trabalho econômico detalhava o choque entre crescimento populacional e a sustentabilidade dos recursos, especialmente alimentares. Malthus concluiu que as populações cresceriam exponencialmente enquanto os recursos alimentares apenas se desenvolveriam em taxa uniforme. Isso significava uma inevitável luta pela sobrevivência humana a

partir dos recursos, enquanto populações, e em última instância mesmo civilizações, colapsariam caso o crescimento demográfico superasse a capacidade de autossustentação dada pela oferta de recursos disponível. Tanto Darwin quanto Wallace acreditavam que o trabalho de Malthus, voltado para o discurso político e econômico, tinha na verdade aplicação ao ambiente natural (Darwin, 2003). Observando que espécies comuns e abundantes como vermes e besouros não haviam tomado o planeta, a totalidade do meio ambiente deveria estar afetando a capacidade de reprodução dessas espécies, criando sistemas tanto de necessidade quanto de aleatoriedade. Darwin notou que recursos alimentares eram diferentes dependendo de cada ilha. A variação distinta entre os bicos dos tentilhões não era aleatória, mas necessária para a sobrevivência no ambiente específico de cada ilha (Darwin, 2003). Onde o alimento era mais macio e requeria menos bicadas, os tentilhões tinham bicos menores; onde o alimento era mais rígido e exigia mais força, bicos eram mais substanciais. Desde *A Origem das Espécies*, muita coisa se tornou clara a respeito dos mecanismos que envolvem e estão por detrás da seleção natural <sup>5</sup>, especificamente no que tange os genes. O ser humano possui algo em torno de 24 mil genes <sup>6</sup>, cada qual sendo um pedaço de informação em uma sequência de nucleotídeos <sup>7</sup>, e cada qual sendo uma possível unidade de hereditariedade (Barkow, 1989). Juntos, esses nucleotídeos formam uma cadeia molecular de ácido desoxirribonucleico, ou ADN, a hélice dupla. Um único gene não provê informação para uma parte específica do corpo; ao invés disso, múltiplas proteínas trabalham juntas para prover informação para certos traços ou partes. Metade dos genes na hélice não são diretamente responsáveis por qualquer informação particular, e sim se comunicam paralelamente com outros genes, funcionando como um interruptor de modo a ligar ou desligar certa informação<sup>8</sup>.

O fenótipo, ou os traços herdados e descritíveis de

um organismo, são tanto um produto da informação dos genes quanto do ambiente a que esses genes pertencem. A informação dos genes é criticamente afetada pelo ambiente físico externo e interno, por meio de um processo de troca altamente complexo. Por exemplo, fatores como luz, som, calor, hormônios, e componentes químicos estranhos ao organismo, podem todos contribuir para alterações nos genes ou no genótipo (uma sequência de genes), alterando a informação transmitida e conseqüentemente o fenótipo como um todo (Lobo, 2008). Essa é uma descrição mais técnica do que aquela que Darwin e Wallace descobriram e sugeriram <sup>9</sup>, mas o conceito central é o mesmo. A transmissão de informação dependente da sequência genética e do ambiente físico leva à evolução através de lentas adaptações e transferência hereditária.

Ao entender os genes e as influências que o ambiente exerce, se torna claro que o processo de mutação é um dos principais componentes que permitem o funcionamento da evolução por seleção natural. A dupla hélice, ADN, é constantemente partida ao meio e copiada por uma complexa molécula chamada replissomo; mas a cópia nem sempre é perfeita, e a informação genética pode passar por ressequenciamento alterado em comparação com o código original. Como resultado, isso pode mudar tanto uma proteína quanto vastas seções da sequência – essa é a base da mutação. Na linha germinal <sup>10</sup>, uma mutação pode resultar de hereditariedade (tendo sido legada por uma geração ou mais), ou por efeito somático (ocorrido em qualquer momento da vida de um organismo). Por vezes uma mutação ocorre e garante uma vantagem para a espécie, tal como um bico mais substancial; como resultado da seleção natural por meio da vantagem ambiental, uma mutação como essa pode se tornar um traço bem sucedido.

O resultado de tal sucesso permitiria a um organismo ter o que se chama de *fitness* genético, uma posição vantajosa que determinado genótipo garante a uma

espécie. Desse modo, a nova espécie se tornaria reprodutivamente mais próspera por meio de desfrutar de uma vantagem em termos de sobrevivência. A nova vantagem, e um maior sucesso reprodutivo conduziriam a maior capacidade de sobrevivência da nova sequência genética que excederia aquela de que dispunha a sequência pré-mutacional. Por meio do processo de seleção natural, essa nova e bem-sucedida sequência genética sobrepujará a antiga, no que se chama deriva genética.

### **Sociobiologia, ciência social evolucionária e integração compatível**

Um simples gene não determina os desdobramentos da evolução em um organismo individual; ao invés disso, um gene troca informação com outros genes que são afetados por múltiplos fatores internos e externos. Esse processo é bastante similar ao de navegação nas experiências sociais (Elias, 1991). Barkow sugere que esse é o mecanismo de expressão genética, ao meio caminho entre os genes e seus comportamentos respectivos, que evoluíram ao longo do tempo em resposta à adaptação, e aos quais as ciências sociais evolucionárias devem direcionar seu foco (2006). Expressões desses mecanismos vão desde papéis de gênero à organização de identidades. O estudo desses mecanismos, diz Barkow, rompe com argumentos simples de causa e efeito, permitindo a cientistas sociais estudar a profundidade daquilo que conecta a causa *x* ao efeito *y* (2006). Em suma, um estudo como esse deveria analisar a complexidade das relações interconectadas que envolvem as circunstâncias internas e externas. Por exemplo, nossa capacidade de navegar por uma variedade de culturas, ou de autocontrole em ambientes sociais é, de acordo com a sociobiologia, o produto de processos evolucionários que facultam a adaptação a ambientes culturais, uma vantagem para uma espécie cultural como *Homo sapiens*. Nosso sistema nervoso central, um produto da evolução em si mesma, desenvolveu os mecanismos necessários para que naveguemos por diferentes culturas. Essa é

a nossa psicologia com base evolucionária (Barkow, 1989). Ou, de forma mais simples, nossa natureza humana.

Para a sociobiologia, a natureza humana equivale a culturas dinâmicas. Cada cultura desenvolverá sua própria psicologia evolucionária, sua própria natureza humana, de uma forma completamente diferente de qualquer outra cultura. As diferenças entre culturas não tem nada a ver com uma hierarquia de desenvolvimento. Tecnologia e ciência, por exemplo, não equivalem a uma cultura em estágio mais alto de desenvolvimento, tudo que fazem é transformar o ambiente singular através do qual alguém precisa navegar. A navegação através da cultura só é possível por meio do aprendizado, ocorrendo de forma individual ou coletiva. Quando o aprendizado individual se torna suficientemente eficiente para que terceiros dele se beneficiem, o aprendizado social passa a ocorrer, e, por meio de troca geracional de informações, cria-se a cultura (Barkow, 2006). Cultura, como diz Barkow, é o conjunto de recursos de conhecimento disponíveis a que um indivíduo pode acessar, e através do qual ele pode navegar (Barkow, 2006). Culturas não são estáticas, de modo que estão constantemente em adaptação. Um indivíduo pode recorrer a múltiplos reservatórios de cultura, e a globalização é um exemplo de múltiplos reservatórios de informação sendo acessados, algo que, por consequência, conduz a culturas em transformação. Como uma espécie, somos inerentemente dependentes desses reservatórios de informações, dado que *Homo sapiens* é a única espécie que requer aprendizado por tanto tempo e numa extensão tão íntima ao longo de sua vida. Continuamente moldamos nossas identidades e instituições, nossas próprias realidades, a partir de um construcionismo social não radical, a partir dos reservatórios de informação disponíveis (Barkow, 2006). Culturas não apenas moldam indivíduos, mas são também moldadas por indivíduos em seu processo de adaptação a ambientes cambiantes. A habilidade para “editar” a cultura só é possível dada a natureza

dessa relação entre o indivíduo e o ambiente. A edição cultural provém do desejo de alcançar uma realidade social diferente, como a que provém da mudança de *status* de classe (Barkow, 2006).

Adotando a evolução nas ciências sociais, Barkow afirma o que chama de integração compatível ou vertical (Barkow, 2006)<sup>11</sup>. Integração compatível é a habilidade pela qual as disciplinas compartilham um consenso acerca de pesquisa e teoria reconhecidas. Por exemplo, no campo das ciências naturais, as teorias químicas empregam tanto a física quanto a biologia. Adotar uma posição similar permitiria às ciências sociais um estudo mais holístico, com cada ciência social contribuindo de forma disciplinar específica e ainda assim voltada para um todo maior. Barkow identifica três vantagens distintas em adotar a integração compatível. Primeiramente, selecionar teorias que perpassassem disciplinas permitiria aos cientistas sociais serem treinados de uma maneira mais tóxica, aprendendo temas e teorias de forma transversal às disciplinas (Barkow, 2006). Isso permitiria ao cientista social observar o problema de forma mais robusta, enquanto também facultaria análise crítica em áreas que correntemente são incompatíveis entre as disciplinas. Em segundo lugar, uma relação mais estável e compatível com as ciências naturais (Barkow, 2006). E, finalmente, ao treinar cientistas sociais em integração compatível, esse treinamento seria mais interdisciplinar, como o de um biólogo que requer os saberes da química e da física (Barkow, 2006). Como nas ciências naturais, o domínio de tudo não é necessário, mas a compreensão é essencial.

Ao introduzir aqui tanto a biologia evolucionária quanto a ciência social evolucionária, meu objetivo é o de demonstrar que ferramentas de pensamento como essas não são determinísticas ou inerentemente malévolas, supostamente revelando a superioridade de uma cultura ou etnia em relação à outra. Mas de fato estabelecem que cada espécie, cada cultura, em sua condição de expressão singular daquilo que a

evolução permite, devem ser entendidas e estudadas como expressões únicas das possibilidades legadas por aqueles mecanismos evolucionariamente desenvolvidos com o que foi brindada a nossa espécie. Isso oferece uma nova compreensão para o fato de que a evolução da espécie humana não está estritamente vinculada à genética, mas é também moldada externamente, permitindo modificações às nossas realidades sociais. Como a evolução biológica, a evolução social está constantemente se adaptando a novas circunstâncias na medida em que novos reservatórios de informação instruem novas redes de interrelacionamentos, imitando o efeito ambiental sobre os genes. O ser humano se torna o micro-organismo que forma um ponto singular de enlace na rede de interrelacionamentos (muitos pontos), formando um “organismo” inteiro da realidade social. Dessa forma, pode-se compreender como indivíduos se inter-relacionam com instituições, criando complexas redes que produzem seu tipo exclusivo de “fenótipo”. Isso será desenvolvido mais adiante.

### A Sociedade de Corte

*The Court Society*, publicado em 1969, representa uma excelente introdução aos processos de pensamento que Elias produziu a respeito da estrutura e da agência, e das relações de que compartilham esses dois processos. No caso particular de *The Court Society*, Elias usa a corte real do Rei Luís XIV como ponto central em seu modelo figurativo, mas a seleção dos tópicos é importante em si mesma por algumas razões. A mais simples delas está em que o reinado de Luís XIV é considerado geralmente como “começo do fim” tanto do governo dos reis de França quanto do que se conhece por monarquia absolutista<sup>12</sup>, que se notabilizou justamente em território francês. A segunda razão está em que os reinados de Luís XIV a Luís XVI foram notórios pelas grandes indulgências e gastos desenfreados. O *Château de Versailles* é um produto dessa era, a maior e mais elegante residência real jamais construída – um testamento daquele tempo. O desejo de Luís XIV pelo poder e riqueza material

levaram à bancarrota da França através de guerras contínuas e indulgências, perpetuadas por uma nova economia monetária. E finalmente, e mais importante para os meus propósitos, esse momento particular no espaço-tempo destaca a importância da singularidade da Grande História, uma vez que falham os métodos de pesquisa da história tradicional ao tenderem dar foco a indivíduos e suas ações, e não às influências mais amplas da comunidade e do ambiente. Luís XIV pode ter sido uma figura importante na França, mas ele está longe de ser um centro de gravidade estático, como será mostrado.

Esse é fundamento de *The Court Society*, de que não é um momento singular, nem um indivíduo em particular, a causa da história. Essa é uma falácia muito comum e produto da disciplina histórica carente de uma perspectiva sociológica (ou macro-histórica). Elias diz:

Sem a análise sociológica da estratégia específica que um soberano como Luís XIV usava para preservar a liberdade de ação e a margem de manobra da posição de rei, sempre ameaçadas, e sem a elaboração de um modelo de figuração social específica dos homens que tornavam possível e necessária a estratégia do indivíduo singular na posição de rei, caso este não quisesse perder o grande jogo, o procedimento do soberano individual permanece incompreensível e inexplicável. Com isso, a relação entre as questões colocadas pelo sociológico e pelo historiador torna-se um pouco mais clara (Elias, 2001: 29)<sup>13</sup>.

O historiador, em busca da cronologia, consistentemente deixou para trás o enquadramento do sociológico, pondo foco na “série de acontecimentos

únicos do passado” (Elias, 2001: 29). Isso, de acordo com Elias, resultou em uma “renúncia (...) a uma investigação sistemática das posições sociais (...) e (...) também a uma investigação das estratégias e possibilidades (...). [Isso] conduz a uma abreviação e restrição características da perspectiva histórica” (Elias, 2001: 30). Essencialmente, o historiador não emprega modelos de estudo, e, ao invés disso, “O nexos dos fenômenos singulares permanece, em larga escala, a cargo de interpretações arbitrárias e, muitas vezes, de especulações. É esse o motivo pelo qual não há propriamente, na ciência histórica (...) nenhuma continuidade de pesquisa” (Elias, 2001: 30).

Por outro lado, a sociologia está também em uma em posição de ter uma “perspectiva restrita” porque os trabalhos sociológicos comumente carecem de profundidade histórica e dão foco quase que primariamente aos sistemas, deixando para trás o individual. Elias diz: “A maneira pela qual certos sociólogos concebem seu trabalho leva a pensar que eles se ocupam exclusivamente de figurações, e de figurações sem indivíduos” (Elias, 2001: 52). Uma simples analogia para que visualizemos isso pode estar na teia da aranha. Quando olhamos para a teia da aranha, se tudo que vemos é a teia em si mesma – os fios de seda adesiva que formam a estrutura – então a invisibilidade da aranha ou da mosca capturada, talvez mesmo dos ramos da árvore onde foi tecida, desvaloriza todo o estudo grandemente, reduzindo a visibilidade total pela qual o sociológico pode “ver” a integral figuração na qual o ambiente, a teia, a aranha e suas vítimas se inter-relacionam.

O que se requer então é uma abordagem através da Grande História – uma combinação de história, sociologia, e nesse caso, de ciências naturais. O estudo da história, com seu foco nas particularidades, como os indivíduos e o “único e irrepetido”, é utilizado como evidência para o teste de arcabouços sociológicos com foco em figurações. A pesquisa sócio-histórica resultante criaria as ferramentas

necessárias para se perceber como indivíduos são moldados por figurações e também como indivíduos moldam essas figurações. Nesse sentido, o campo não é mais um plano bidimensional de simples causa e efeito, tal como aquele em que opera a história, nem é um estágio desprovido de atores, como aquele em que a sociologia opera. Torna-se um modelo multidimensional de fios interdependentes, criando uma vasta e complexa rede<sup>14</sup>. As formas pelas quais atores independentes são vinculados uns aos outros resultará do acúmulo de conexões dependendo da informação disponível, de influências particulares, do ambiente, e da estrutura que se está estudando. A concentração de conexões será moldada unicamente dependendo da figuração (de que estrutura está sendo observada), tornando-se o ponto crítico de estudo para o pesquisador, e informando a maneira pela qual a estrutura será moldada bem como seus fluxos, enquanto também ilumina as relações compartilhadas pelos atores em seu interior.

Elias começa seu estudo com as estruturas físicas que a nobreza ocupava, suas residências, ou *hôtels*. A arquitetura tinha duas funções críticas. Primeiro, a sinalização que a exibição da residência tinha para uma família<sup>15</sup>. A riqueza material em demonstração era crítica na manutenção da posição social de um indivíduo para o consumo conspicuo e essa exibição diretamente reforçava *rank* e título, capazes de impulsionar o *status* de uma “casa”<sup>16</sup>. A segunda função é o fato de que era a representação física da sociedade de corte do rei, apenas em uma forma menor. Essa era uma tentativa não apenas de copiar a elegância da mansão real, mas também de se tornar, de alguma forma, de incorporar o poder do rei. O aposento principal e maior era o grande *hall* onde os nobres de uma determinada casa dariam festas, como salões, e gerenciariam seus assuntos. Esses eram criticamente importantes para a família, uma vez que tais funções sociais eram demonstrações de riqueza e instâncias de obtenção de *status*.

Os quartos de dormir do senhor e da senhora seriam separados, representando a grande distância social que era costumeira na sociedade de corte. A senhora e o senhor de uma casa poderiam passar dias sem sequer se verem dado que os círculos sociais eram tão amplos e variados, e a manutenção desses ditos círculos era da maior importância. Essa separação era informada pelo objetivo estrito de melhorar o *status* social da casa. Essa distância social era importante tanto para o nobre em sua casa como para o rei na sua. Permitia ao senhor de uma casa controle do ambiente imediato ao conduzir os convidados nobres para o benefício social do mestre.

Para o rei em sua casa em Versalhes, esse controle era uma versão maior e mais extravagante do que os nobres tinham imitado. A corte do rei:

(...) representava para ele (...) o espaço de atuação primordial e imediato, enquanto o país era o espaço secundário e indireto. Tudo (...) tinha que passar pelo filtro da corte antes de chegar ao rei; e tudo o que vinha do rei tinha que passar pelo filtro da corte antes de chegar ao país. Mesmo o monarca mais absoluto só podia atuar sobre o seu país através da mediação dos indivíduos que viviam na corte. Assim, a corte e a vida na corte constituíam o local originário de toda a experiência, de toda a compreensão do homem e do mundo por parte do rei absolutista do Ancien Régime. Por isso, uma sociologia da corte é, ao mesmo tempo, uma sociologia da realeza (Elias, 2001: 66-67).

A condição de mestre da casa é essencial para começarmos a compreender a maneira pela qual a

posição do rei é somente assegurada por aqueles que vivem e agem ao seu redor. Luís XIV não era capaz de governar a França sem a mediação das pessoas da corte, nem essas pessoas estavam em posição de ser uma nobreza, e desse modo pessoas da corte, sem o rei. A dependência da nobreza em relação ao rei e vice-versa<sup>17</sup> é o resultado de uma “figuração específica que os muitos indivíduos formam conjuntamente, e com as interdependências específicas que os ligam uns aos outros” (Elias, 2001: 85). A figuração da corte<sup>18</sup> garantia que o consumo conspícuo era necessário em manter a posição social de um indivíduo uma vez que os nobres disputavam por *status* uns contra os outros. O que parecia indulgência a qualquer pessoa externa à figuração da corte<sup>19</sup> era em verdade similar em todos os sentidos a um burguês acumulando capital e poupando para investimentos futuros na classe trabalhadora desejosa por salários (Elias, 2006). Os meios de manter o *status* de um indivíduo e sua capacidade de sobreviver eram diferentes, mas o objetivo era o mesmo (Elias, 2006).

Para um nobre da corte, sua racionalidade e a necessidade de consumo conspícuo de modo a manter ou melhorar sua posição social, era algo crítico para a conquista de *status* contra seus rivais. A opinião dos membros da corte era um “instrumento de formação e controle”, ao qual “nenhum de seus membros podia escapar (...), sem pôr em jogo sua qualidade de membro e sua identidade como representante da elite, parcela essencial de seu orgulho pessoal e de sua honra” (Elias, 2001: 113). Famílias estavam constantemente subindo e caindo nessa figuração altamente competitiva. Para garantir a posição de alguém, e esta posição em superioridade à de outros, a opinião era moeda de troca da mais alta importância, então o consumo conspícuo era essencial em manter uma bem posicionada opinião na luta por *status*. Por outro lado, isso forçava uma dependência maior em relação ao rei, uma vez que estar próximo dele, e em sua graça, era a mais vantajosa e prestigiosa posição. Garantia o mais alto em poder de compra e reputação. Agir em concordância com as práticas da corte era

essencial para alcançar esse patamar. Etiqueta e cerimônia eram a mais importante das práticas sociais na corte, e em lugar algum isso era mais proeminente que no *Château de Versailles*. A *revée* do rei, seu despertar matinal, era uma manobra excessivamente complexa de seis grupos sociais diferentes, desde os altos senhores aos convidados, passando mesmo pelas crianças bastardas, cada qual tendo uma ordem e função particular nesse complexo ritual de *status*. Cada um dos seis grupos tinha um diferente nível de prestígio, e neles, os nobres lutavam continuamente entre si para galgar degraus acima. O reconhecimento do rei garantiria, temporariamente, uma posição mais estável e destacada para o nobre e sua família. O rei intimamente sabia disso e mantinha distância para garantir que a nobreza não se tornasse complacente e continuasse sua luta. Distância social era produto da etiqueta e cerimônia da sociedade de corte em si mesma, pelo requerimento da distinção. Elias diz que praticar a distância levava os membros da corte a aprimorar suas habilidades de observar e de lidar com outros cortesãos, bem como a restrições pessoais no âmbito da racionalidade de corte. A distância social requeria a formulação de estratégias para o progresso, seja pela formação ou pela destruição de alianças, pela manipulação, ou outras tantas táticas. Não obstante, como Versalhes e o *hôtel*, a distância social do rei era ampliada em dose ainda maior. Foi a distância social do rei em relação à sua nobreza que os colocou uns contra os outros no afã de se tornarem mais próximos do monarca. Como mestre da casa e da corte, o rei observava e manipulava os membros de sua corte para engrandecer seu poder e glória<sup>20</sup>, usando etiqueta e cerimônia como seus principais instrumentos.

Era a tradição da corte que fazia a distância e a etiqueta e o cerimonial tão essenciais. A constante ascensão e queda das famílias da corte significava que a tradição era o que garantia que tais práticas existissem e fossem mantidas independentemente de quem residia na corte; tornava-se um tipo de dança no qual apenas os novos membros que melhor e mais rapidamente aprendessem os passos poderiam sobreviver. Entretanto, a tradição

não era estática, e evoluía com cada novo rei e corte. Elias sugere que a natureza aristocrática da França de Luís XIV começou na Idade Média com uma história marcada por conflitos entre o monarca e a crescente nobreza (2006). A forma de governar tão extravagante de Luís XIV começou a florescer sob o reinado de Henrique IV. Henrique IV era o que Elias chama de último dos “reis cavaleirescos”, dadas as suas relações de proximidade com seus nobres, significando uma menor distância social para as manobras da corte (2006). A mudança para um reinado baseado em uma corte mais aristocrática, como sob Luís XIV, repousou sobre a economia monetária ainda em desenvolvimento desde Henrique IV. Antes do absolutismo havia um sistema feudal (ao tempo de Henrique IV), no qual os altos senhores estavam encarregados de seus próprios exércitos e de vastas parcelas do estado. Jurando lealdade ao rei, prometiam a ele seus exércitos quando convocados, e tal arranjo significava uma proximidade maior e uma relação mais íntima. Essa é em parte a razão para a história de tensões entre as grandes famílias e a família real na França, tensões conhecidas bem por Luís XIV em sua juventude. Com o comércio em crescimento, e as entradas de ouro, prata e outros materiais preciosos, a economia começou a crescer drasticamente. Pela primeira vez na história, o rei dispunha de riquezas para comprar um exército inteiro para si. A industrialização das armas de fogo tornou os cavaleiros irrelevantes<sup>21</sup>. Armamento barato e de fácil treinamento e a ampla oferta de homens capazes em busca de salários se tornou o novo padrão. A palavra “soldado”, do francês *la solde*, significando “dinheiro”, claramente alude a essa história.

O crescente volume de dinheiro fluindo para a França e para o rei reduziram a habilidade dos nobres de obter ganhos a partir do compartilhamento de responsabilidades como a guerra e a agricultura. O rei podia agora possuir e suprir a si mesmo independentemente, de modo que começa a declinar a nobreza. Tendo sido por séculos responsável pelos exércitos e pela terra, a nobreza era colocada pela nova economia monetária em uma posição de ter de

escolher entre resistir ao seu declínio, potencialmente diminuindo sua posição social relativamente ao rei (como resultado de não vir dinheiro do rei para suprir os exércitos particulares dos nobres) ou adaptar-se por meio do movimento em direção a uma relação de mais centralidade e dependência com o rei e sua corte. Daí vieram as pensões, dádivas monetárias, e outras recompensas provenientes do rei, começando com Henrique IV e se tornando tão vital no tempo de Luís XIV. A inabilidade dos nobres de sustentar economicamente suas posições de privilégio significava que essas dádivas eram necessárias para a sobrevivência, tornando-se então símbolos de boas relações com o rei, e apertando a interdependência da figuração de corte. Conseqüentemente, a dependência da nobreza em relação ao rei para status e riqueza fez o rei igualmente dependente da nobreza, dado que as necessidades daqueles perpetuavam o poder absoluto deste.

A mais importante mudança trazida pela nova economia monetária foi o crescimento rápido da burguesia enriquecida. Sua nova riqueza, do comércio e dos serviços, fluía da França, da Europa, e crescentemente da economia global. Sob Henrique IV, devido à necessidade que tinha da riqueza dessas novas classes, abriu-se a compra de cargos de poder à burguesia, o que ameaçou fortemente a já atormentada nobreza. Durante o reinado de Luís XIV, o rei ficou em dívida com a nobreza pelo seu governo absoluto, e a nobreza em dívida com o rei pelo status e pela riqueza, enquanto a burguesia rapidamente cresceu em riqueza, poder e influência, fora da figuração da sociedade de corte. A nobreza, em constante conflito interno, logo estaria em competição com a alta burguesia. A confrontação combinada entre os membros da corte e o rei criou um equilíbrio delicado na disputa por status e poder. Então, “É essa balança das interdependências, essa defesa do equilíbrio das dependências que dava o caráter específico disso que denominamos ‘corte’” (Elias, 2001: 212).

À medida que a burguesia continuava a crescer em

riqueza e poder, o declínio da proeminência dos nobres, e dado que os seres humanos são reflexivos, conduziu a uma romantização de um passado nobiliárquico de mais poder. Os senhores feudais do passado eram, aos olhos de seus descendentes da corte, próprios de um lugar de “natureza”, mas próximos da produção de alimentos, das árvores, das montanhas e dos rios. Elias escreve:

O passado assumia o caráter de uma visão onírica. A vida no campo se torna um símbolo da inocência perdida, da simplicidade e naturalidade espontâneas; torna-se o contraponto da vida urbana e de corte, com todos os seus vínculos, suas complicadas coerções hierárquicas e suas exigências de autocontrole de cada um (Elias, 2001: 200) <sup>22</sup>.

Com a evolução da nobreza ao longo de gerações, certas funções às quais estavam acostumadas, que davam às suas vidas sentido e valor, foram perdidas. Aqueles pertencentes à nobreza e que podiam se adaptar às suas posições em transformação se tornaram “envolvidos em uma rede de interdependências mais abrangente e mais rígida” (Elias, 2001: 224). Isso requeria mais autocontrole, mais disciplina, e menos liberdade. Elias usa memórias de membros da corte da França, Alemanha, e Grã-Bretanha, para mostrar que as mesmas atitudes de nostalgia por um passado mais simples e livre existiram transversalmente a várias sociedades aristocráticas (2006). Elias conclui que o contínuo processo civilizador das sociedades, que conduziu a mais estrutura, mais urbanização e industrialização, e menos autocontrole, levou as pessoas a sonhos de uma “uma vida mais livre, simples, natural, menos pressionada pelas coerções” (Elias, 2001: 229) <sup>23</sup>.

### **A Evolução da Sociedade de Corte**

No começo de *The Court Society*, Elias considera que a evolução biológica e o desenvolvimento social devem guardar alguma relação, dizendo:

Certamente existiram alterações biológicas e evolucionárias das interdependências e figurações dos nossos antepassados. Sabemos pouco sobre esse lado da evolução dos homínidos, provavelmente porque problemas biossociológicos como esses despertaram pouca atenção entre os especialistas na pré-história humana (Elias, 2001: 37).

Elias enfatiza adiante que, “cadeias de acontecimentos aos quais nos referimos conceitualmente sob os nomes de evolução biológica, desenvolvimento social e história constituem três camadas diferentes, mas inseparáveis, de um processo que engloba a humanidade como um todo, e cujo ritmo de modificação é diversificado” (Elias, 2010: 38). No começo de seu livro, Elias identificava que a evolução é um fator em seu trabalho, ainda que nunca o tenha aplicado explicitamente. Estarei aplicando a evolução mais intimamente à *The Court Society* para demonstrar o forte relacionamento existente entre o arcabouço de Elias e a seleção natural, empregando conceitos e sistemas apresentados nas seções anteriores.

O processo de transferência hereditária por meio da genética, como mostrei, é um processo biológico, mas a hereditariedade não está presa à biologia, o processo ocorre de forma transversal aos espectros da existência. Examinando as estruturas residenciais dos cortesãos, seu tamanho e leiaute, a funcionalidade que possuem, são um mapeamento físico literal de sua figuração social. A sociedade de corte, por meio da figuração inter-relacionada de sua realidade, proveu a total possibilidade daquilo que o *hôtel* e Versalhes poderiam ser. O consumo conspícuo e a motivação contínua em prol da busca pelo reconhecimento

informaram a completa racionalidade da figuração dos cortesãos, criando a visão de mundo na qual atuaram e existiram.

Desse modo, as construções que habitavam, como demonstrou Elias, refletiram a integralidade de suas identidades. As ciências sociais evolucionárias reconhecem que processos biológicos são apenas uma dimensão de processos multidimensionais. As moradas numa sociedade de corte são literalmente crias da figuração dessa própria sociedade de corte, ocupando, tal como a transferência hereditária permite, os traços fenotípicos de seus genitores. O grande salão para os eventos sociais, a distância em termos de pouca intimidade entre o senhor e a senhora da casa, e a demonstração de riqueza em termos de acessórios e mobiliário eram todas expressões das práticas físicas da sociedade de corte.

Isso não se aplica apenas às residências, mas igualmente aos costumes e à etiqueta, à tradição, ao romantismo e à economia monetária, para citar apenas algo do que foi examinado. Cada uma dessas figurações tem por necessidade um processo de hereditariedade que garanta que sejam adotadas e aprendidas em cada indivíduo que travam com elas contato. Essa é a única maneira pela qual figurações sociais podem sobreviver. Ou seja, o indivíduo (ator, ou “micro-organismo de pensamento”) adere a uma figuração social (estrutura, ou “organismo de pensamento”) por consequência de seu nascimento, ambiente, etc. que vem a informar a identidade do ator, e, sendo reproduzida por gerações através da hereditariedade, se torna a tradição a qual o novo ator pratica. Entretanto, isso ocorre em quase infinito grau de possibilidades representacionais, dependendo do uso da informação, pelo indivíduo, proveniente dos reservatórios disponíveis e do ambiente interveniente. Os reservatórios de informação, ou cultura, a totalidade do aprendizado compartilhado e individual, contêm todas as possibilidades de figurações sociais adotáveis a partir das quais se constroem identidades e realidades. Os membros da corte sacaram desses reservatórios

disponíveis dadas as suas respectivas figurações, que informaram suas identidades e realidades pela necessidade de suas posições, algo essencial para sua sobrevivência social e física. Não tivesse o nobre da corte a habilidade de se adaptar a ambientes mutantes, então o equilíbrio nos enfrentamentos de poder que existiram no interior da sociedade de corte não teria sido possível e a nobreza teria perecido por completo muito antes da Revolução Francesa. Nossa evolução biológica, como sugeriu Barkow, criou o mecanismo necessário para constantemente nos adaptar a novos ambientes sociais, e nossa evolução social está inerentemente ligada à nossa evolução biológica como resultado da transferência hereditária de princípios sistêmicos. Criticamente, no entanto, na medida em que as figurações se tornam crescentemente complexas e ganham mais conexões (e mais atores), a habilidade de adaptação se torna mais dificultada; mais atores precisam se adaptar por si próprios no âmbito dessas figurações antes que a figuração como um todo possa refletir essa “mutação”.

A diferença principal entre a evolução social e a biológica é, como escreve Elias, a variação na velocidade da mudança. O motivo para isso é bastante simples, e está relacionado às necessidades humanas de informação. Informação é a ferramenta mais importante de sobrevivência com que conta *Homo sapiens*, dado que, sem ela, a espécie humana teria desaparecido há muito tempo. Nossa evolução biológica é, sob um ponto de vista das percepções humanas, bastante lenta, tomando de centenas a milhares de anos para produzir alterações muito pequenas, e outras tantas centenas de milhares de anos para mudanças mais substanciais. Isso se deve ao fato de que o ambiente, ao longo da maior parte da existência da vida no planeta, tem sido relativamente estável. O ambiente é um dos mais importantes componentes da evolução, de modo que, se o ambiente influencia espécies estando em relativo equilíbrio, então a evolução continuará biologicamente. Entretanto, com o aparecimento do cérebro humano, e sua adaptabilidade altamente plástica, algo único vem a ocorrer: a habilidade de

alterar o ambiente reflexivamente.

A consciência afetada pela reflexão permitiu aprendizado e manipulação do ambiente, e, assim, a criação da cultura. A cultura, como um produto hereditário da evolução, muda o ambiente no qual a espécie humana agora se desenvolve. A informação inegavelmente amplia a capacidade de alterar o ambiente físico em proveito humano, ampliando intensamente, por sua vez, a capacidade de sobrevivência. O volume de informação e a velocidade com a qual pode ser obtido aumentaram exponencial e continuamente desde a emergência do gênero *Homo*. Por meio da cultura, humanos estão continuamente criando identidades e realidades socialmente construídas, adicionando novas dimensões ambientais à existência humana gradualmente. Por meio da reflexão, o aprendizado continuamente se tornou mais refinado pela consciência sob o efeito de estímulos ambientais, desenvolvendo a cultura por meio desses processos.

No âmbito da sociedade de corte, o ambiente continuamente mutável forçava a nobreza e o rei a se adaptarem a novas situações. Tiveram de adaptar suas identidades de modo a permanecer ambientalmente em vantagem em tempos precários. Resistindo, como Elias aponta, teriam essencialmente sido extintos, tal como se deu com os cavaleiros e com o sistema feudal. É nesse ponto em que a condição de inter-relacionamento é essencial. A extinção do sistema feudal ocorreu devido ao fato de que a figuração de inter-relacionamento, o “organismo” conformado pela figuração feudal, não contava mais com atores (“micro-organismos”) capazes de reprodução, de adaptação, e de estabilização do todo de conexões no âmbito da figuração. Como um vírus num corpo, existia apenas enquanto cópias continuassem a se replicar; se as cópias fossem varridas, suprimidas ou insuficientes, o vírus não mais funcionaria. O sistema feudal e os cavaleiros sofreram esse mesmo destino, de indivíduos que não mais eram capazes de se adaptar e se reproduzir em compasso com um ambiente que se

tornava inóspito para uma figuração como aquela, de modo que falharam na luta pela sobrevivência.

Figurações sociais, então, são algo como organismos embasados nas leis da natureza, e são do mesmo modo capazes de existirem e serem extintas. Evolução por seleção natural apenas funciona a partir de condições já existentes, e as conexões com que conta uma figuração social podem ser influenciadas e remoldadas, evoluindo em direção a uma nova figuração social dependendo dos reservatórios de informação e do modo pelo qual indivíduos se inter-relacionam. Elias deixou evidente tal ideia por meio da sociogênese da sociedade de corte. O absolutismo é descendente do feudalismo, e a sociedade de corte da sociedade cavalheiresca. A parturiência social é resultado da habilidade do ator individual de manobrar no interior de uma figuração social com a qual está entrelaçado. Isso é possível porque o indivíduo recorre a, e formula suas identidades e realidades a partir de, uma multiplicidade de reservatórios de informação disponíveis em suas respectivas sociedades, criando a possibilidade de modificar seu ambiente mais imediato (nesse caso, a corte). Ao fazê-lo, juntamente com as influências ambientais, pequenas variações de informação são trazidas para dentro da figuração social e acabam por remoldar suas conexões, gerando variações nas práticas (mutação de pensamento) na figuração. Dependendo da interpretação da informação pelo ator individual, de influências tais como o rei, um nobre de alto escalão, ou uma burguesia carismática, e as potencialidades que representam para o enlaçamento, fazem com que a figuração social comece a se modificar, aglutinando as conexões inter-relacionadas em um novo “ponto gravitacional” (tal como na analogia dos filamentos galácticos, tratada anteriormente) à medida que mais conexões são remoldadas e exercem impacto. Por longos períodos de tempo, essa mutação pode eventualmente se tornar forte o suficiente, a informação acumulada ser tal, e as conexões tão plenas a ponto de uma nova figuração (uma nova “espécie”) emergir a partir de figuração antiga. Esse processo é exemplificado pelas figurações

feudal e cavalheiresca na obra de Elias. É durante esse processo que os conflitos sociais emergem, o que é visto com o nobre tendo de escolher a irrelevância de ser um aristocrata terratenente ou ser um cortesão de base absolutista.

Sendo os humanos uma espécie reflexiva, os conflitos sociais que emergem a partir de figurações sociais concorrentes podem, curiosamente, conduzir à romantização de figurações prévias e então bem-sucedidas<sup>24</sup>. Na evolução, como nada é completamente erradicado, aspectos de informação genética sobrevivem e são levados adiante porque toda a vida compartilha de uma fonte comum que evoluiu pelos últimos 4,1 bilhões de anos<sup>25</sup>. Em outras palavras, a evolução não reconstrói do zero, ela continua a adaptar aquilo que já estava previamente construído. O mesmo vale para a evolução social uma vez que a possibilidade social compartilha de uma origem comum que tem se desenvolvido pelos últimos 1,8 milhões de anos<sup>26</sup>. Os reservatórios de informação a que recorremos e as nossas redes de figurações sociais inter-relacionadas estão ligadas pelos mesmos princípios, de modo que nossa reflexividade é capaz de grande alcance, ainda que enviesado. O Romantismo pode ser entendido como uma mal-adaptação em duas frentes. Na primeira temos aquilo que é chamado de “teoria da incompatibilidade”, que afirma que, sendo a evolução biológica lenta, ela está sempre defasada em relação aos ambientes correntes, de modo que o organismo está em contínuo estado de crise evolucionária e constantemente tendo de se adaptar ao presente. Quando as adaptações finalmente se concretizam, novas circunstâncias há muito já substituíram a situação prévia, que afetava a adaptação em primeiro lugar. Isso pode ser atestado na maneira pela qual os seres humanos estão gradualmente nascendo sem os terceiros molares. Útil para bocas maiores e dietas com mais alimentos crus, os sisos são completamente inúteis hoje em dia. Uma vez que nossa evolução social segue os mesmos princípios, noções românticas do passado podem ser categorizadas como teoria da incompatibilidade manifesta por meio

de reflexão consciente porque nossos reservatórios de informação, com informações remanescentes de figurações passadas, serão sem dúvida enviesados em decorrência da conflitos de informação presentes, criando uma imagem mais romântica do que aquilo que realmente foi.

A segunda causada mal-adaptação romântica poderia ser o resultado do fato de que informações no reservatório são consistentemente caóticas, de modo que indivíduos estão continuamente trabalhando através de conflitos informacionais. Alguma informação nos reservatórios se tornam velhas, irrelevantes, ou são simplesmente erradas, enquanto alguma informação se torna tão bem-sucedida que figurações sociais afetadas por essa informação desenvolvem conexões saudáveis e duradouras<sup>27</sup>. O Romantismo não apenas conflita com reservatórios de informação, criando choques com ambientes correntes, mas também contém informação errada, tal como o enfoque particular que os nobres deram à natureza e à vida livre, deixando de lado aspectos menos desejáveis como o adoecimento crescente e a guerra. O Romantismo foi, de acordo com o estudo de Elias, e de forma bastante visível hoje, um aspecto contínuo da consciência social através de muito daquilo que Elias chamou de “processo civilizador” (2006). A civilização trouxe, sem dúvida, um crescimento exponencial em desenvolvimentos sociais, fazendo com que reservatórios de informação e suas redes nasçam, se adaptem, entrem em conflito, e morram, em ritmos cada vez mais intensos.

A título de síntese, os processos descritos nessa seção seriam aplicados no último capítulo do livro de Elias, que trata da sociogênese da Revolução Francesa. Elias escreve:

Às vezes tentou-se esclarecer deslocamentos explosivos da distribuição de poder na sociedade, como a Revolução Francesa, exclusivamente a partir dos acontecimentos que antecederam

de modo imediato o período revolucionário ou que fizeram parte dele. Mas em geral só é possível compreender tais conflagrações violentas quando prestamos atenção nos deslocamentos do equilíbrio de poder de longa duração que ocorreram na sociedade em questão (Elias, 2001: 267).

Os cortesãos, vivendo nas últimas décadas do século XVIII sob o reinado de Luís XVI tinham se tornado estagnados em decorrência de sua contínua luta pela sobrevivência, e começaram a declinar. A luta pela sobrevivência entre a nobreza estava sendo eclipsada pela burguesia, continuamente bem sucedida. Desde Henrique IV, o nascimento da figuração burguesa cresceu continuamente em poder à medida que sua riqueza, mentalidade liberal e figurações socialmente conscientes se adaptaram e se desenvolveram. A gravidade das conexões nas figurações sociais da sociedade de corte começou lentamente a se alterar, ao passo que a nobreza, mesmo ainda configurando uma classe social elevada, não foi capaz de restaurar com sucesso suas posições de poder em contraposição às posições burguesas crescentemente presentes; desse modo, essas duas figurações entraram em conflito pela sobrevivência.

No tempo do reinado de Luís XVI, o então monitorado equilíbrio havia se tornado autorregulado (Elias, 2006). Como resultado, o rei não era mais necessário para o tanto que mantinha o equilíbrio da rede inter-relacionada da sociedade de corte. A distância do rei não era mais capaz de manipular a sociedade de corte em favor dele, e isso criou frequentes flutuações no equilíbrio de poder. A figuração do rei e da nobreza, tão atada a tradições de etiqueta e cerimônia, se tornava crescentemente desvantajosa em promover adaptação contra o *fitness* da nova figuração burguesa, que estava se equiparando em poder e riqueza mesmo aos dos nobres de maior escalão. As elites e a família real estavam aprisionadas pelos laços de sua

interdependência, incapazes de se adaptar na medida em que o ambiente externo mudava mais rápido do que o compatível com o ritmo de adaptação. O “povo”, se encontrando na mesma figuração social do “Terceiro Estado”, como a burguesia, se conectou rapidamente à crescente figuração burguesa com promessas de “liberdade, igualdade, fraternidade”. Isso drasticamente ampliou a força e o *fitness* da figuração burguesa em desenvolvimento desde Henrique IV. A poderosa figuração burguesa estava começando a sobrepujar a figuração da sociedade de corte – e a deriva social tinha início. Como um anticorpo em um vírus, a figuração burguesa atacou a figuração de corte competidora e então deu início à Revolução Francesa.

### **Conclusão**

Meu desejo é o de que tenha sido capaz de prover uma proposta singular a respeito de como pensar a respeito de figurações sociais usando as leis da natureza estabelecidas pelas ciências naturais. Elias escreve:

É possível determinar as estruturas de um sistema de dominação como figuração de indivíduos interdependentes, quase com o mesmo rigor de um cientista ao determinar a estrutura de uma molécula específica (...). Cada campo de dominação apresenta-se como uma rede de homens e grupos humanos interdependentes, agindo em conjunto ou em oposição num sentido bem determinado (Elias, 2001: 133-134).

Ampliando o pensamento de Elias, a molécula é a rede de átomos que se forma tão somente se os átomos são ligáveis. Caso um átomo em particular não seja atraído propriamente a uma molécula em formação, ele será repellido. Os reservatórios de informação que instruem as figurações sociais agem em maneira similar – humanos sacam contra esses

reservatórios, produzindo identidades e realidades através de construções sociais, instruindo o modo pelo qual alguém se anexa a redes de inter-relacionamento específicas. É por esse motivo que não se vê um protesto marxista em favor da liberdade de mercado neoliberal; não há forma possível de conexão porque o reservatório de informação particular informa o formato figuracional individual, aquilo com que se ligam, e aquilo que repelem.

Esse estudo introduziu a seleção natural em um nível elementar esperando inspirar estudos futuros nesse campo para uma melhor integração entre trabalhos das ciências sociais e naturais, e igualmente demonstrando a insensatez dos argumentos deterministas e reducionistas – a evolução constantemente adapta e remolda, nada é dado ou determinado. A ciência social evolucionária foi apresentada aqui em formato introdutório de modo a prover um arcabouço através do qual a biologia evolucionária opera, ampliando o entendimento do formato e do fluxo permitido ao social pela evolução. Demonstrou o modo pelo qual cada cultura, cada reservatório de informação, ainda que vindos de uma mesma fonte, se desenvolveram como uma grande árvore com seus ramos evolucionários singulares. *The Court Society*, de Norbert Elias foi aqui examinado através da introdução de componentes chave que iluminam a estrutura das redes figuracionais inter-relacionadas, como quis o autor. Por fim, ao aplicar o arcabouço de Elias aos processos de evolução social por seleção natural, um modelo mais holístico e multidimensional foi proposto. Esse novo modelo provê maior definição para o modo pelo qual as redes de figurações inter-relacionadas de pessoas e ideias evoluem no tempo e agem e funcionam como um organismo vivo, afetado pela vasta gama de estímulos, para além do fato de que, por si, são produtos hereditários de organismos vivos. Esse trabalho não se pretende definitivo, mas se propõe a inspirar investigações sobre a validade das narrativas evolucionárias de processos sócio-históricos, e se um estudo nesses marcos, como apresentado aqui, pode enriquecer nosso entendimento do social como eu

acredito que o faça.

Ao pensar a respeito do formato das redes na maneira que o fazemos, em conjunto com a manobrabilidade que um indivíduo traz a ela através da reflexão consciente, se pode compreender a complexidade do modelo que Elias sugeria, e que aqui levei adiante. O campo se torna uma rede multidimensional que o macro-historiador ou o sociólogo histórico podem estudar, considerando a rede interconectada que é formada pelos fenômenos sociais. Mesmo que sociólogos ainda resistam à aplicação de processos evolucionários biológicos, creio que tal aplicação fica clara pelo exemplo de *The Court Society*, de Elias, sobre como a evolução pode enriquecer a pesquisa em ciências sociais e nas Humanidades. Ao abrir as ciências sociais aos processos da natureza, novo entendimento da condição de inter-relacionamento emerge. Uma conexão não apenas no sentido da escala mais ampla do Cosmos, mas uma conexão mais íntima com as realidades e experiências que nós, seres humanos, compartilhamos com o mundo natural.

## Bibliografia

- Barkow, Jerome H. 1989. *Darwin, Sex, and Status: Biological Approaches to Mind and Culture*. Toronto: Toronto University Press.
- Barkow, Jerome H. 2006. *Missing the Revolution: Darwinism for Social Scientists*. Oxford: Oxford University Press.
- Costa, James T. 2014. *Wallace, Darwin, and the Origin of Species*. Cambridge: Harvard University Press.
- Darwin, Charles. 1959. *The Voyage of the Beagle*. New York: Everyman's Library.
- Darwin, Charles. 2003. *On the Origin of Species by Means of Natural Selection*. Peterborough: Broadview Texts.
- Elias, Norbert. 1978. *What is Sociology?* New York: Columbia University Press.
- Elias, Norbert. 2006. *The Court Society*. Dublin: University College Dublin Press.
- Lobo, I. (2008) Environmental influences on gene expression. *Nature Education* 1(1):39.
- Numbers, Ronald L. 2000. "The Most Important Biblical Discovery of Our Time': William Henry Green and the Demise of Ussher's Chronology." *Church History* 69, no. 2.
- Stewart, Iain. 2011. "Commandeering Time: The Ideological Status of Time in the Social Darwinism of Herbert Spencer." *Australian Journal of Politics & History* 57, no. 3. 389-402.

### **Notas finais**

- 1 Darwin foi estimulado a publicar por uma carta recebida de Alfred R. Wallace (1823-1913) que incluía a uma teoria muito similar à de Darwin.
- 2 O fundador da sociobiologia.
- 3 Emprego a noção de espaço-tempo de uma forma aplicada ao social. Como sua contraparte nas ciências naturais, é usada para identificar a maneira pela qual ocorrências no tempo e no espaço não são nem estáticas nem entidades separadas. Eventos que ocorrem no âmbito da experiência humana apresentam efeitos vitais ondulares que persistem por gerações nas identidades, instituições, etc. Espaço-tempo define um movimento da história social mais fluido e dinâmico através da experiência humana.
- 4 Um processo natural, que explica a similaridade entre um filho e seus pais. Isso levou a um conceito inicial de gene que antecedeu o entendimento corrente na genética, que foi originalmente introduzido por Gregor Mendel (1822-1884).
- 5 Uma afirmação ao trabalho de Darwin e Wallace, muito do que compõe sua elaboração mais central estava correto e segue sendo usado na biologia moderna.
- 6 Dos quais 98,8% são compartilhados com o chimpanzé-comum, 88% com o rato comum, e 24% com a uva de vinho. Isso foi descoberto a partir do trabalho revolucionário do Programa Genoma Humano que não apenas sequenciou o código genético humano mas pavimentou o caminho para o sequenciamento de milhares de espécies vivas, as ferramentas que, no futuro, permitirão modificações genéticas em um nível sem precedentes.
- 7 As proteínas timina, guanina, adenina e citosina. Juntas criam o código alfabético de sequências genéticas que compõem todas as coisas vivas.
- 8 Um processo necessário para o desenvolvimento de qualquer espécie dado o fenótipo. Um exemplo estaria no embrião humano que nasce com uma cauda, que desaparece conforme o desenvolvimento prossegue intrauterinamente, ou o formato das mãos humanas, ainda que todos os mamíferos tenham mãos mais ou menos do mesmo formato em condição embrionária.
- 9 Uso a expressão “descoberta” aqui porque seu trabalho sobre seleção natural e transmissão hereditária é fundacional para a biologia evolucionária moderna, que é fato científico.
- 10 Para a reprodução, ADN é copiado pelo ARN com o propósito de fertilização e impregnação.
- 11 Emprego o termo integração compatível porque vejo o uso da palavra “vertical” como tendo excessiva implicação em termos de algum tipo de ordem hierárquica. De todo modo, “compatível” é mais aplicável àquilo que Barkow delinea como uma compatibilidade interdisciplinar compartilhada.
- 12 Uma monarquia absolutista é descrita pelo controle do governante sobre a integralidade das operações do Estado, como o âmbito judicial, administrativo, e de assuntos estrangeiros ou do interior, sob a bênção do direito divino, ou da vontade de Deus.
- 13 O artigo original, em inglês, cita edição em língua inglesa de 2005. As transcrições serão feitas, nessa versão em português do artigo, empregando edição brasileira de *A Sociedade de Corte*, publicada em 2001 pela editora Zahar, como consta da bibliografia (Nota do Tradutor).
- 14 A melhor analogia para pensar sobre isso seria imaginar os filamentos galácticos do Cosmos como a mais ampla escala conhecida. Eles existem em três dimensões, e da mesma forma ocorre com as figurações sociais sendo propostas aqui. A concentração de gravidade nos filamentos galácticos seria onde o mais intenso amontoamento de pontos singulares (atores) convergem na figuração.
- 15 A família, ou casa, como é por vezes chamada,

- é decisiva na compreensão da nobreza. Antes de o rei Henrique IV iniciar a venda de papéis administrativos para a cada vez mais rica burguesa, a linhagem familiar era o mais importante componente do *status* de nobreza. Velhas famílias com relações de proximidade com a família real estariam em uma posição de muito maior poder do que aquela em que estariam a nobreza recente ou a nobreza da terra. A manutenção da posição familiar e da influência pessoal de um indivíduo se torna a função mais crítica da sociedade de corte.
- 16 A casa, usada dessa forma, identifica a importância de um nome familiar e sua significância genealógica.
- 17 E, também, sua dependência em relação ao “povo”, e vice-versa. Serviçais, por exemplo, eram importantes para a operação e a estabilidade de famílias nobres e da família real.
- 18 Elias emprega “figuração” ao invés de “sistema”, algo que com que fortemente concordo, porque sistema identifica uma relação mais rígida e estruturada, que aponta para uma organização mais manufaturada de processos. Figuração é mais aberto, mais fluido e mais maleável.
- 19 A “racionalidade” da corte que existiu para os nobres cortesãos poderia não ser entendida por qualquer um fora daquela rede, da mesma forma que a “racionalidade” do “povo comum” não poderia ser entendida pelos nobres. Isso se tornou particularmente claro durante a Revolução Industrial francesa, quando capitalistas acreditavam que as classes trabalhadoras perdiam todo seu dinheiro em bebida e pequenos desperdícios, enquanto essas mesmas classes acreditavam que os capitalistas estavam entregues aos gastos extravagantes e fora de controle. Essa dinâmica é evidente, ainda que em favor dos trabalhadores, na novela de época, *Germinal*, de Émile Zola.
- 20 Isso funciona de forma idêntica à honra e ao orgulho do nobre, mas com consequências muito mais amplas.
- 21 Armadura e espada, por si só, eram extremamente dispendiosas.
- 22 Deve-se lembrar que seu trabalho foi produzido antes do movimento ambientalista dos anos 1970.
- 23 É importante notar que Elias afirma que essa romantização apenas projeta aspectos do passado que parecem positivos, dado que sociedades particulares apresentam desejos e ignoram quaisquer de suas menos desejáveis características. Isso é um testamento para o arcabouço desenvolvido por Elias, uma vez que é claramente observável hoje e tem o sido desde os anos 1970 com o ambientalismo e a romantização do “bom selvagem”.
- 24 Essa pode ser a fonte de um interessante projeto de pesquisa, que empregue o modelo figuracional para identificar se o Romantismo representa um processo de mudança figuracional tal como o apresentado aqui.
- 25 A data corrente é 22 de outubro de 2015.
- 26 Essa data é significativa por dois motivos. O primeiro, porque se acredita que é a partir daí que o gênero *Homo* começou a aumentar sua população a taxas crescentes. O segundo, porque, devido ao crescimento demográfico, começaram a deixar a África e se dividir grupos nunca antes estabelecidos.
- 27 Richard Dawkins acredita ter sido essa a obra da religião.

